



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE A DISTÂNCIA**

MÁRCIA REGINA ARAÚJO BRITO

DESENVOLVIMENTO DE LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**CABACEIRAS - PB
JULHO/2017**

MÁRCIA REGINA ARAÚJO BRITO

DESENVOLVIMENTO DE LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Hércia Macedo de Carvalho Diniz e Silva.

CABACEIRAS – PB

JULHO/2017

B862d Brito, Márcia Regina Araújo.

Desenvolvimento de linguagens na educação infantil / Márcia Regina Araújo Brito. – João Pessoa: UFPB, 2017.
52f.: il.

Orientadora: Hélcia Macedo de Carvalho Diniz e Silva
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia – modalidade à distância) – Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Educação infantil. 2. Leitura. 3. Escrita. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 373.2(043.2)

MARCIA REGINA ARAÚJO BRITO

DESENVOLVIMENTO DE LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovado em: **24 / 07 / 2017**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Hércia Macedo de Carvalho Diniz e Silva
Orientadora
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Prof. Dr. Roberto Wagner Cavalcanti Raposo
Examinador
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Profa. Msc. Veridiana Xavier Dantas
Examinadora
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Aos meus pais *Aderaldo Araújo Simplício* e *Maria José de Brito Quirino* e a minha filha *Yohanna Brito de Souza*, por fazerem parte deste almejado sonho, pela perseverança e companheirismo, por ser minha motivação nesta trajetória acadêmica, por se fazer presente em todos os momentos de minha vida, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao meu senhor e meu Deus agradeço, por conseguir chegar até a conclusão dessa almejada conquista, por ter-me dado forças para trilhar esse caminho e permitir tão grande alegria, por ter-me deixado vencer todos os obstáculos e dificuldades sem me deixar desistir, nunca, dos meus sonhos. Sem o Senhor nada sou.

A meus pais Aderaldo Simpício e Maria José de Brito, em especial, por sempre lutar por mim dando todo apoio em minha trajetória na educação, sempre incentivando e apoiando em todos os momentos, cuidando com muito amor. Obrigada por todos esses momentos por serem minha inspiração.

A minha filha Yohanna Brito de Souza, por transformar minhas dificuldades em forças para lutar, por cada sorriso e carinho dado em todos os momentos, até pelas cobranças de não estar sempre ao seu lado.

Aos meus professores, desde início da minha trajetória escolar, até os dias atuais, por todo o aprendizado que trago e por minhas conquistas e sonhos realizados. A todos os professores do polo de Cabaceiras/PB.

Aos meus amigos da graduação em Pedagogia, que mesmo sendo à distância conseguimos criar laços de amizade e trocas de conhecimento.

A Orientadora Dra. Profa. Hércia Macedo de Carvalho Diniz e Silva pela paciência que teve no processo, entendendo as etapas necessárias para a construção dessa pesquisa.

Aos amigos fiéis pela compreensão em minhas ausências, pelo apoio direcionado para seguir e finalizar este curso de graduação, sendo meus conselheiros, fonte de muita ajuda para meu trabalho final.

Aos meus queridos professores, colegas de trabalho pelo apoio; Evanilza Garcia Ferraz e Tatiana Calisto, pelos ensinamentos ministrados, colaboração e apoio.

A minha tutora Ielba Farias, que será eterna para mim. Agradeço pela força e paciência para comigo.

A todos que contribuíram de alguma forma para que este trabalho fosse realizado.

*...por trás da mão que pega o lápis,
dos olhos que olham, dos ouvidos que
escutam, há uma criança que pensa.*
Emília Ferreiro (1985)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar as contribuições das linguagens para a formação dos alunos na educação infantil, além de perceber a importância da criação do hábito de ler e escrever a partir do início escolar. Buscamos ainda compreender o papel das linguagens em significativos momentos, além de perceber as possibilidades da criança, na educação infantil, iniciar sua trajetória na aprendizagem como leitor e escritor em potencial, levando-se em consideração que ela desenvolve esta aprendizagem através do contato com adultos, inclusive. Sendo assim, há necessidade, por parte da escola e da família, de uma maior conscientização além do incentivo para que elas desenvolvam as linguagens de modo significativo. Considerando as linguagens como ferramentas relevantes, logo essenciais, no processo de ensino/aprendizagem, focalizamos estes como instrumentos primordiais para desenvolver um bom trabalho na educação infantil. A partir de referenciais teóricos significativos, buscamos diversos textos que proporcionaram melhor compreensão da importância de introduzir as linguagens na educação infantil, bem como novas formas para que o educador tenha subsídios capazes de proporcionar o seu aprendizado e posteriores ensinamentos aos educandos.

Palavras-chave: Educação Infantil, leitura e escrita.

SUMMARY

The aim of this work is to analyze the contributions of languages to the training of students in early childhood education, in addition to realizing the importance of creating the habit of reading and writing from the beginning of school. We also sought to understand the role of languages in significant moments, as well as to understand the possibilities of the child in early childhood education, to begin their trajectory in learning as a potential reader and writer, taking into consideration that it develops this learning through contact with adults, including. Therefore, there is a need on the part of the school and the family for a greater awareness besides the incentive for them to develop languages in a meaningful way. Considering the languages as relevant tools, essential in the teaching / learning process, we focus on these as primordial tools to develop a good work in early childhood education. Based on significant theoretical references, we have searched for several texts that have provided a better understanding of the importance of introducing languages in early childhood education, as well as new ways for the educator to have subsidies capable of providing his / her learning and subsequent teaching to learners.

Keywords: child education, reading and writing

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	FORMAÇÃO DAS LINGUAGENS	12
2.1	Alguns conceitos de leitura	12
2.2	Formas possíveis de realização da leitura	13
2.3	As leituras na escola.....	15
2.4	O processo de construção do conhecimento	17
3	O CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	19
3.1	Breve histórico da educação infantil no Brasil	19
3.2	A educação infantil na atualidade	21
3.3	Funções e objetivos da educação infantil.....	22
3.4	Características da criança da educação infantil	26
4	LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	28
4.1	Leitura de mundo na educação infantil	28
4.2	O pensar da criança e o seu direito sobre a escrita	30
5	APRENDIZADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	31
5.1	Expressões de linguagens na educação formal.....	32
5.2	A obrigação da alfabetização	34
5.3	A linguagem no cotidiano da educação infantil	36
5.4	As etapas da Alfabetização	37
6	ANÁLISE DOS DADOS.....	38
6.1	Discussões dos resultados das entrevistas	40
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
	REFERÊNCIAS	49
	ANEXOS	52

1 INTRODUÇÃO

É importante saber que a fase escolar é um momento rico de aprendizado, socialização e desenvolvimento integral, logo é importante valorizar os saberes advindos do meio social e cultural, tendo em vista aproximar os conhecimentos teóricos da vida prática que prova a convivência com o letramento desde o início de vida. A criança ingressa o ambiente escolar trazendo uma bagagem rica de conhecimentos que começam a ser desenvolvidos desde a educação infantil.

A escolha do tema: Desenvolvimento de Linguagens na Educação Infantil deu-se a partir de um questionamento e da reflexão sobre a importância da aprendizagem nos anos iniciais: De que forma a educação infantil pode colaborar para o início do processo de linguagens, abordando as diversas possibilidades para se trabalhar com a criança?

Nos capítulos seguintes serão desenvolvidos conhecimentos importantes sobre educação infantil, falou-se das mudanças ocorridas no decorrer dos anos e o que contribuiu para aprendizagem das crianças, enfatizando o que as leis e teóricos defendem acerca dessa modalidade.

Observa-se, no entanto, que esse tema gera discussões significativas. Alguns educadores defendem o letramento e a leitura no universo infantil como o começo da alfabetização e outros como forma lúdica, promovendo questionamentos que em muitos ambientes retardam o avanço da aprendizagem infantil. No entanto, é possível de forma lúdica, trabalhar as linguagens. Daí vê-se que há diversos contextos e objetos que tornam a educação infantil como fase de igual importância para o seguimento do ensino, sendo um grande passo para o início das potencialidades para o desenvolvimento integral da criança.

O objetivo central deste trabalho busca investigar os motivos e dificuldades enfrentadas por professores em trabalhar com a alfabetização da educação infantil em sala de aula. Tendo em vista promover na educação infantil melhor desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem através das linguagens, bem como desenvolver na criança o senso de descoberta, participação, criatividade e afetividade através do contato com as linguagens, levando-as ao prazer de aprender a partir destas ferramentas.

Busca-se perceber quais proibições ocorrem para a não utilização das linguagens na fase inicial, em contrapartida, quer-se dar ênfase a argumentos que

possam favorecer e/ou apontar caminhos para desenvolver esses métodos de aprendizagem de modo que focalizem a importância deste processo, procurando identificar quais os métodos para auxiliar e desenvolver as linguagens sem fugir do lúdico.

Essa pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, e o instrumento utilizado como metodologia foi um questionário para coleta de dados. Esta abordagem ocorreu em uma Escola Municipal da cidade de Boa Vista – PB, e a entrevista a partir de questionários estruturados. Inicialmente, professoras e coordenadoras da escola promoveram discussões em relação ao tema, e apontaram caminhos possíveis para o desenvolvimento dos processos de linguagens nas salas de aula da educação infantil. Questionamentos e reflexões sobre o que os teóricos relatam e as práticas do dia a dia tiveram espaço relevante nestas discussões.

A partir destas e de outras preocupações, selecionamos a seguinte questão norteadora: “Quais motivos levam ao não reconhecimento da educação infantil como porta de entrada para as linguagens da fase inicial e como focalizar os métodos que podem modificar tal ideia”?

O capítulo seguinte ressalta a importância das linguagens na fase inicial da educação infantil demonstrando a compreensão dos aspectos necessários para começar a introduzir estas práticas pedagógicas em sala de aula refletindo acerca da capacidade que a criança da educação infantil tem em desenvolver hábitos de linguagens de forma dinâmica.

2 FORMAÇÃO DAS LINGUAGENS

2.1 Alguns conceitos de leitura

A leitura está geralmente ligada à decodificação da escrita. A atividade de leitura não corresponde a uma simples decodificação de símbolos, mas significa, de fato, interpretar e compreender o que se lê para assim compreender e escrever no contexto correto, pois um bom leitor será um ótimo escritor.

Segundo Kleiman (2008), a leitura precisa permitir que o leitor apreenda o real sentido do texto, não podendo transformar-se em mera decifração de símbolos linguísticos sem a interpretação semântica dos mesmos e sua interpretação correta.

Leitura, no Dicionário Aurélio é: 1 . Ato ou efeito de ler; 2 . Arte ou hábito de ler; 3 . Aquilo que se lê; quatro. O que se lê, considerado em conjunto. 5. “Arte de decifrar e fixar um texto de um autor, segundo determinado critério”. (AURÉLIO, 1988, p.390).

Sendo assim, um indivíduo pode ser considerado leitor quando passa a compreender o que lê, e consegue após sua leitura escrever a interpretação real do que compreendeu. Ler é antes de tudo compreender, por isso não basta decodificar sinais e signos, é necessário transformar e ser transformado em um bom leitor não é apenas ler e escrever trechos da sua leitura.

Freire (1989) relata, que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. A leitura é associada à forma de ver o mundo e compreendê-lo. É possível dizer que a leitura é um meio de conhecer e apreender suas limitações de aprendizagem.

Assim a leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir diversos significados através de um conjunto de fatores pessoais com o momento, o lugar, e as circunstâncias em que se está fazendo a leitura. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto em que esteja inserido. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade que esteja vivenciando no ato da leitura. Por isso se torna indispensável que desde os anos iniciais, textos, frases, palavras, sílabas e letras, sejam inseridos no ambiente da sala de aula. Entretanto, que faça sentido para a criança, pois é a partir deste processo que ela poderá desenvolver o hábito pela leitura de forma representativa, sem que seja algo forçado e que frustre a criança.

2.2 Formas possíveis de realização da leitura

A prática da leitura se faz presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a compreender o mundo à nossa volta. A preocupação com a leitura esteve sempre muito presente por se tratar de um instrumento essencial em nossa sociedade. Ela se dá de forma muito intensa, está relacionada a muitas atividades do dia a dia; no trabalho, lazer ou mesmo em nossa rotina, fazendo compras, lendo um bilhete, por isso é preciso ter cuidado ao inserir a leitura principalmente para a criança.

Lemos jornais para nos informar sobre atualidades, rótulos de produtos para identificar seus ingredientes e prazos de validade, lemos manuais para poder saber utilizar algum produto, e-mails para interagir com as pessoas, lemos romances e conto para nos distrair, lemos mensagens em aparelhos tecnológicos (WhatsApp, Facebook, Instagram, etc.) para interagir com pessoas. Enfim, a leitura faz parte de nossas vidas sob diferentes necessidades.

Conforme define Carletti (2007), a leitura é o meio mais importante para a aquisição de saberes na formação de um cidadão crítico, para assim ele tenha possibilidades de atuar na sociedade. O ato de ler é uma forma exemplar de conhecimento para uma boa aprendizagem e:

Durante o processo de armazenagem da leitura coloca-se em funcionamento um número infinito de células cerebrais. A combinação de unidade de pensamentos em sentenças e estruturas mais amplas de linguagem constitui, ao mesmo tempo, um processo cognitivo e um processo de linguagem. A contínua repetição desse processo resulta num treinamento cognitivo de qualidade especial. (CARLETI, 2007, p.2).

A leitura é um dos meios mais importantes para a construção de novos conhecimentos de um indivíduo e de suas aprendizagens, possibilita o fortalecimento de ideias e ações, permitindo ampliar os conhecimentos e adquirir novos conhecimentos gerais e específicos, possibilitando a ascensão de quem lê a níveis mais elevados de desempenho cognitivo, como a aplicação de conhecimentos a novas situações e ocasiões que esteja presente diante da leitura, além de conseguir fazer a análise e a crítica de textos e a síntese de estudos realizados em diversos contextos.

A leitura é algo muito importante para a aprendizagem do ser humano, pois é através dela que podemos enriquecer nosso vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação, conseguindo assim conquistar diversos universos da aprendizagem. Com a leitura, é possível despertar novos aspectos da vida em que ainda não tinha pensado, despertar para o mundo real e para o entendimento do outro ser, elevando com ela o mais alto nível de aprendizagem, conseguindo atingir novos horizontes e ampliá-los.

A comunicação também adquire grande influência na prática da leitura. De acordo com Cardoso e Pelozo (2007), a leitura desenvolve a capacidade intelectual do indivíduo e a criatividade e deve fazer parte do cotidiano em todos os sentidos de sua vida.

Os primeiros contatos dos indivíduos com a leitura são de fundamental importância para suas percepções futuras, pois interferem na formação de um ser humano crítico, capaz de encontrar as possíveis soluções para os problemas sofridos pela sociedade a qual se pertence, podendo ser um cidadão com informações sem ser notificado como alguém incapaz por isso é de suma importância o hábito da leitura.

Sendo assim, a reflexão sobre o ensino e incentivo da leitura é indispensável nos dias de hoje, em que tudo é voltado para o meio tecnológico, deixando a desejar a leitura que muitas vezes é destruída por enigma da tecnologia. É preciso salientar que ninguém se torna leitor por um ato de obediência, ninguém nasce gostando de leitura, mas é importante para o crescimento do indivíduo. A influência dos adultos como referência é bastante importante na medida em que são vistos lendo ou escrevendo, no seu cotidiano.

O desenvolvimento dos hábitos de leitura é um processo constante, que começa no lar, aperfeiçoa-se na escola e continua pela vida inteira, através das influências da atmosfera cultural geral e dos esforços conscientes da educação e das escolas para manter o gosto pela leitura.

As crianças aprendem vendo exemplo, por isso pais e professores que leem, transfere para os filhos e alunos o gosto pela leitura, tornando-os assim bons leitores.

O hábito de ler, muitas vezes, é praticado e pode ser iniciada na escola, a qual tem a função de desenvolver o estímulo à leitura, a busca pelo saber oferecendo meios que venham despertar no aluno o desejo de conhecer a leitura, de

forma prazerosa principalmente na fase inicial. Cardoso e Pelozo (2007) afirmam que nos primeiros anos de escolarização o discente precisa ser incentivado e instigado a ler, de modo que se torne um leitor autônomo e criativo, para assim conseguir ser um bom leitor/escritor, mas que para isso acontecer é preciso o hábito da leitura pelo docente também.

2.3 As leituras na escola

A iniciação escolar é o período fundamental que possibilita às crianças o contato com o lúdico, com as letras e consequentemente possibilita que a criança tenha, ao longo de sua trajetória escolar, contato com livros, iniciando-se assim o gosto pela descoberta da leitura, dentre outras capacidades.

O trabalho com a leitura precisa existir, principalmente com alunos dos anos iniciais, porque é nessa fase que a criança começa a construir o hábito pelo ato de ler, algo de extrema importância para seu crescimento. Mesmo que nessa fase as crianças peguem os livros apenas para folheá-los ou até mesmo que sua leitura não seja compreendida pelos adultos, mas para as crianças são, pois ali se principia o interesse por fazer leitura, fato que faz com que haja o estímulo de diversas áreas, inclusive o estímulo à criatividade.

É necessário incentivar o gosto e a paixão dos alunos para que possam tirar proveito pessoal da leitura. Esta que, por sua vez, precisa ser objetivo de toda a escola. É muito importante que a escola contribua para a preparação de alunos, de modo que eles sejam capazes de participar como sujeitos ativos do processo de desenvolvimento da aprendizagem em todo contexto que ela possa transmitir:

(...) entendemos que o ensino de leitura deve ir além do ato monótono que é aplicado em muitas escolas, de forma mecânica e muitas vezes descontextualizado, mas um processo que deve contribuir para a formação de pessoas críticas e conscientes, capazes de interpretar a realidade, bem como participar ativamente da sociedade. (OLIVEIRA E QUEIROZ, 2009, p.2).

Fazer da leitura algo constante no ambiente escolar, levando o aluno a desenvolver o gosto e ter contato com variados tipos de textos e obras, amplia a capacidade de aprendizagem. Deixar textos disponíveis para um melhor

desempenho destes alunos, trabalhar diferentes tipos de leituras em sala de aula, estender as opções para realização da leitura são estratégias fundamentais para promover o contato com universo da leitura.

O ato de ler precisa levar a criança à compreensão do assunto lido para que eles possam construir o senso crítico através da leitura realizada, mas que também possa se dar a construção do conhecimento e a produção de qualquer outro texto, disponibilizado para seu crescimento em sala de aula, e não simplesmente à repetição de informações que os docentes precisam naquele momento.

De acordo com Freire (1989), linguagem e realidade precisam se relacionar dinamicamente e a experiência de vida dos alunos ser valorizada, principalmente na hora da aprendizagem. Não basta simplesmente identificar as palavras, mas fazê-las ter sentido, compreendendo, interpretando, relacionando o que se lê com o próprio cotidiano e sua vida, com ações, sentimentos.

As crianças leem quando os textos apresentam significados para elas, ou seja, muitas vezes um livro tem apenas imagens e a criança cria um universo dinâmico de interpretação e criação da história.

É preciso que a leitura seja significativa e contextualizada, que leve em conta as experiências do aluno enquanto participante do processo de aprendizagem contribuindo para uma melhor e mais agradável aquisição do processo de leitura e avanço em sala de aula. O prazer de ler impulsiona e mantém vivo o hábito da leitura. Vale ressaltar que a escola deve ter a preocupação cada vez maior com a formação de leitores, e não apenas em repassar conteúdos sem a preocupação que aquele aluno esteja fazendo uma boa leitura, ou seja, a escola deve direcionar o seu trabalho para práticas cujo objetivo seja desenvolver nos alunos a capacidade de fazer uso da leitura para enfrentar os desafios da vida em sociedade e principalmente para o crescimento no decorrer da aprendizagem.

É preciso sempre acrescentar que, diante das diversas transformações com as quais convivemos principalmente a tecnológica, a escola precisa, mais do que nunca, ficar alerta e fornecer ao estudante os instrumentos necessários para que eles consigam buscar, analisar, selecionar, relacionar e organizar as informações complexas do mundo contemporâneo, e assim seguir os caminhos de um bom leitor.

É da escola também a responsabilidade de promover estratégias e condições para que ocorra o crescimento individual do leitor despertando-lhe interesse, aptidão e competência para seguir a vida educacional. A escola precisa contar sempre com

uma biblioteca, sala de computação que fornece um mais rápido acesso aos livros, ou um bom espaço reservado à leitura que certamente possibilitarão a obtenção de resultados satisfatórios quanto aos objetivos almejados para o desenvolvimento das práticas de leituras.

A biblioteca é vista muitas vezes como um lugar em que são armazenados livros para leitura; um lugar destinado a alunos considerados indisciplinados, ou ainda, de disseminação da informação. (AMATO E GARCIA, 1998, p. 13). Entretanto, esta deve ser considerada um espaço propício para leitura individual, além de pesquisas e visitação programada para melhor conhecimento do espaço.

A escola tem por obrigação proporcionar diversos momentos de leitura para seus alunos, facilitando assim o acesso ao conhecimento e a leitura, que sem dúvida deve apresenta um lugar de grande destaque. Pois a oportunidade de ler, ou seja, a disponibilidade de livros representa um papel decisivo no despertar do interesse pela leitura.

2.4 O processo de construção do conhecimento

A escrita é considerada uma das mais antigas “tecnologias” que a humanidade já teve a oportunidade de conhecer. No decorrer do tempo serviu e tem servido ainda para muitas finalidades, sejam religiosas, políticas, literárias ou publicitárias, as quais foram sendo desenvolvidas no decorrer do tempo.

Por volta de 3.500 a.C., já se podia utilizar da escrita cuneiforme na Mesopotâmia, embora esta apresentasse características diferentes. Nessa ocasião, a escrita era feita sobre tabletas de argila. Mas, por volta do quarto milênio, antes da nossa era, a escrita passou a ser mais utilizada e, conseqüentemente, mais valorizada devido a necessidade de se realizar registro de entrada e saída de mercadoria nos países.

Como resultado, a escrita foi adotada como um sinal ou uma marca sobre um pedaço de argila que poderia ser conservada e transportada. Nos anos 30, vários pesquisadores buscaram estudar o desenvolvimento da escrita nas crianças pré-escolares. Mas somente nos anos 70, houve possibilidades desses estudiosos pesquisarem mais a fundo na questão, tendo a oportunidade de analisar a variedade de conceitos apresentados pelas crianças em relação à natureza dos sistemas de escrita e leitura.

Quando muitos desses pesquisadores começaram a suspeitar do fato de que a criança já chega à escola dotada de conhecimentos prévios sobre alfabetização, passaram a investigar como as crianças adquirem os primeiros conhecimentos relacionados à escrita, fazendo observações em relação à realidade de cada uma delas na experiência de vida diária, buscando respostas para suas questões através de estudos. Antropólogos e historiadores sociais se aprofundaram em verificar as influências que a comunidade, família, sociedade e natureza social exercem no desenvolvimento da escrita, e o resultado foi a comprovação de que estes fatores realmente influenciam no processo da escrita.

No entanto, foi o trabalho de Piaget (1976, p. 69) que causou maior impacto sobre a verificação da maneira como as crianças aprendem em seu mundo. Suas abordagens clínicas contribuíram para um melhor entendimento a respeito do mundo infantil. A metodologia piagetiana transporta os temas relacionados ao aprendizado da escrita para um contexto social, estabelecendo um intercâmbio escolar e os conhecimentos adquiridos no cotidiano. As ideias de Piaget sobre a aquisição da linguagem são muito simples, apesar de terem revolucionado o estudo da linguagem como também do pensamento das crianças. Seus estudos centravam-se apenas nas características das crianças, naquilo que elas têm e não nas suas deficiências com os adultos. Para ele, assim como também para os behavioristas a criança adquire sua linguagem através de suas relações com o meio.

Piaget considera o egocentrismo, que para ele ocupa uma posição genética, como o elo de toda a característica lógica das crianças, como também uma estrutura intermediária entre o pensamento artístico e o pensamento dirigido. A partir de aprofundamento em teóricos de renome pode-se acrescentar muito as aprendizagens relacionadas às principais fases do desenvolvimento infantil, podendo-se ainda observar a descrição da evolução do desenvolvimento da moralidade infantil, segundo Piaget e a distinguir entre atividades que facilitam ou dificultam a construção da socialização da criança. Ele não define idades rígidas para os estágios do desenvolvimento cognitivo infantil, mas afirma que estes se apresentam em uma sequência constante.

O estudo das teorias piagetianas sobre o desenvolvimento cognitivo e da moralidade infantil pode ser de imenso valor para cada educador. Conhecendo bem as fases de desenvolvimento em que se encontra a criança, ele será capaz de oferecer-lhe uma mediação adequada e eficaz.

O trabalho sobre linguagem escrita começou a ser divulgado, no Brasil, no ano de 1980 com Emília Ferreiro que trabalhava com crianças pré-escolares de países como Argentina e México. Através de seu trabalho, buscava novos métodos de alfabetização e, como resultado, Ferreiro desenvolveu uma pesquisa embasada em aspectos até então não considerados na relação das crianças com a linguagem escrita. Vygotsky também foi um dos grandes colaboradores para o entendimento do processo de desenvolvimento da escrita na criança, para ele a linguagem é uma atividade criadora e construtiva de conhecimento e, por isso mesmo transformadora.

Nesse sentido, a aquisição e o domínio da escrita como forma de linguagem acarretam uma crítica mudança em todo o desenvolvimento cultural da criança (SMOLKA, 1996, p.57). Em relação ao desenvolvimento da escrita com base na idade da criança, é válido considerar que ainda bem pequena, a criança considera a palavra como parte do objeto e não como um signo. Já por volta dos dois ou três anos de idade, a escrita é percebida como conjunto de marcas gráficas e passa a ser considerada como um objeto em si e não um objeto simbólico. Nesse período, a “escrita” realizada pela criança, normalmente, é acompanhada de um objeto ou de uma imagem.

Sendo assim a Educação Infantil é entendida como o primeiro nível educacional, e é definida por teóricos, especialistas e educadores, como aquela que abrange os níveis de aprendizagem. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 18) fundamenta-se no reconhecimento da criança como cidadã e na família como unidade referencial. Nela, a criança é vista num contexto amplo, interdisciplinar e interinstitucional, mediante a proposição de ações que se complementam e se inter-relacionam num trabalho de construção e cooperação, visando o atendimento de suas necessidades globais.

3 O CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Em tempos medievais, o comportamento e a educação das crianças eram definidos pelo poder patriarcal, isto é, o pai exercia total controle e influência sobre os filhos, incluindo, além disso, o domínio político e social.

3.1 Breve histórico da educação infantil no Brasil

No Brasil, o atendimento às crianças de zero a seis anos em instituições especializadas surge com as mudanças sociais e econômicas, causadas pelas revoluções industriais mundiais. Neste período as mulheres deixaram seus lares, onde eram cumpridoras de seus afazeres, da criação dos filhos, cuidados com o marido e família, para entrar no mercado de trabalho. Diante deste fato, ocorre a necessidade de deixar seus filhos em creches que até a década de 20, tinham caráter exclusivamente filantrópico, com difícil acesso, oriundo do período colonial e imperialista da história do Brasil.

As creches eram vistas como um direito das mulheres e dos filhos, por melhores condições de vida dando início ao atendimento da Educação Infantil no Brasil. Nesta década, a educação significava possibilidade de ascensão social e era defendida como direito de todas as crianças considerada “iguais” (KRAMER, 1995, p.55).

Porém, na década de 30, o estado assumiu o papel de buscar incentivo de órgãos privados que viriam a colaborar com a proteção da infância e assistência infantil. Nesta década gerou-se a preocupação com a educação física e higiênica da criança, sendo assim, foram organizadas creches, jardins de infância e pré-escolas ainda de maneira desordenada numa perspectiva emergencial, fundamentadas na recreação, saúde e disciplina social.

No entanto, nas décadas seguintes se estendendo ao ano de 1986, com a Lei nº 5.692, criada em 1971, surgiram mudanças voltadas à educação infantil, objetivando criar condições favoráveis na aprendizagem infantil evidenciando a necessidade de leis direcionadas a educação infantil como pressuposto básico envolvendo escolas maternas, jardins de infância e instituições equivalentes (LDB, 1971).

A partir da década de 80, com a abertura política se intensificam os movimentos e as leis que protegem os cidadãos e seus direitos humanos, o direito e apoio à educação infantil, em que as famílias têm direito à creche para os filhos até seis anos de idade. Com isso, aumentou a demanda de creches e pré-escolas pelas mulheres.

Diante da análise histórica, percebe-se que a educação infantil se caracteriza da assistência e preservação da vida, não se relacionando com a educação. Afirma Souza (1986) a pré-escola surgiu da urbana e típica sociedade industrial, não surgiu com fins educativos, mas sim para prestar assistência, e não pode ser comparada

com a história da educação infantil, pois está sempre presente nos sistemas e períodos educacionais.

Com a ajuda da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº. 9.349/96, a educação infantil é incluída entre as diretrizes que regem a educação, porém não obrigatória, apenas direito das famílias. Sendo assim, a educação infantil deixou de ser assistencialista e começa a fazer parte da Educação Básica, promovendo mudanças satisfatórias para a educação e para a formação dos profissionais da área.

3.2 A educação infantil na atualidade

No cenário da educação infantil atual, a prática educativa vem sendo auxiliada pelo *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RECNEI)* elaborado pelo Ministério da Educação, determinado pela LDB. Neste fica evidente o acesso de todas as crianças ao enriquecimento do seu desenvolvimento, por meio da cultura, bem como da sua inserção social em instituições de educação infantil, em que a aprendizagem passa a ser permeada a partir das interações sociais.

Neste sentido, as práticas da educação infantil devem favorecer o desenvolvimento da criança, o conhecimento das suas potencialidades, limites e possibilidades, a ampliação das relações sociais, o estabelecimento de vínculos afetivos e trocas, respeito à diversidade, a brincadeira expressando emoções, desejos e necessidades, o que faz favorecer uma imagem positiva de si, atuando confiante em suas capacidades de novas aprendizagens, desenvolvendo assim o início da descoberta da leitura e escrita.

Diante desse novo contexto social e globalizado, as práticas pedagógicas exigem mudanças a partir de um novo prisma. Neste sentido, progressivamente, as crianças também mudaram o seu modo agir no mundo atual que está ligado hoje mais com o mundo tecnológico, posto que estão desenvolvendo mais rapidamente seus conhecimentos. Estas mudanças, no entanto, dependem também da habilidade do professor, pois para ele novas metodologias no ambiente escolar, tornam-se necessárias para inovação de suas práticas, para acompanhar de forma satisfatória, o desempenho dos seus alunos, renovando assim seus métodos de ensino.

Esta e outras possibilidades dependem da atuação, interesse e vontade do professor querer cumpri-las, já que, muitas vezes o aluno sente vontade de

aprender, mas o ensino esbarra ainda em métodos tradicionais que há tempos não satisfaz os desejos e interesses individuais dos alunos. Neste sentido, grande parte dos autores da educação são enfáticos quando atribuem ao dinamismo profissional, importante função como aponta KRAMER (1994).

É preciso que os profissionais de educação infantil tenham acesso ao conhecimento produzido na sua área, mas também que estejam dispostos a repensar suas práticas, se reconstruírem enquanto sujeitos da produção de conhecimento. E para que possam mais do que implantar currículos ou aplicar propostas à realidade da creche/pré-escola em que atuam, propiciem momentos de leitura significativos. Além disso, a metodologia da educação infantil hoje não adota mais os princípios rígidos do ensino formal, também não deve se sujeitar ao imprevisto, a atitude de deixar que as aulas simplesmente aconteçam.

Uma afirmação que não pode ser negligenciada é o fato de que se deve estabelecer para todo ser humano um limite a ser obedecido. Quando se trata de criança, a necessidade de se delimitar os espaços é ainda mais gritante; precisa de limites firmes para se sentir protegida, inclusive dela mesma, precisa de um espaço onde se sinta livre para agir, desenvolvendo sua aprendizagem diante das práticas repassada por seus docentes, sendo assim o professor agente principal para esse avanço.

3.3 Funções e objetivos da educação infantil

Na busca por espaço no mercado de trabalho, as mulheres precisam recorrer às instituições, essas que atualmente assumem papéis sociais fundamentais no desenvolvimento das crianças de 0 a 6 anos. Entretanto, não pode ser considerada substituta das mães.

A função da escola maternal não é ser um substituto para uma mãe ausente, mas suplementar e ampliar o papel que, nos primeiros anos da criança, só a mãe desempenha. Uma escola maternal, ou jardim de infância, será possivelmente considerada, de modo mais correto, uma ampliação da família 'para cima', em vez de uma extensão 'para baixo' da escola primária. (WINNICOTT, 1982, p.214)

Diante da citação acima, observamos que o autor enfatiza que a ampliação da família e da vida afetiva acontece na escola, junto com outras crianças, adultos e valores culturais diferentes, portanto, a escola deve oferecer à criança esse ambiente saudável e sócio afetivo.

A educação infantil apresenta entre seus objetivos: proporcionar condições adequadas para promover o bem-estar da criança no seu desenvolvimento físico, motor, emocional e social, bem como à ampliação de suas experiências estimulando o interesse da criança pela natureza e sociedade. Com esses objetivos o processo de desenvolvimento da criança de 0 a 6 anos da educação infantil, contempla duas funções básicas: cuidar e educar, que se integram na medida em que a criança se reconhece, respeita o outro, cultiva valores e constrói sua personalidade.

Nas últimas décadas, os debates a nível nacional e internacional apontam para a necessidade de que as instituições de educação infantil incorporem de maneira integrada as funções de educar e cuidar. Não se concebe mais, diferenciar nem hierarquizar os profissionais e instituições que atuam com as crianças pequenas e/ou aqueles que trabalham com as maiores. As novas funções para a educação infantil devem estar associadas a padrões de qualidade.

Essa qualidade advém de concepções de desenvolvimento que considerem as crianças nos seus contextos sociais, ambientais, culturais e, mais concretamente, nas interações e práticas sociais que lhes fornecem elementos relacionados as mais diversas linguagens e ao contrato com os mais variados conhecimentos para a construção de uma identidade autônoma.

A instituição de educação infantil deve se tornar acessível a todas as crianças que a frequentam, indiscriminadamente, elementos da cultura que enriquecem o seu desenvolvimento e inserção social. Cumpre um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação.

Na instituição de educação infantil, pode-se oferecer às crianças condições para as aprendizagens que ocorrem nas brincadeiras e aquelas advindas de situações pedagógicas intencionais ou aprendizagens orientadas pelos adultos. É importante ressaltar, porém, que essas aprendizagens, de naturezas diversas, ocorrem de maneira integrada no processo de desenvolvimento infantil.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil-RCNEI:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação pessoal de ser e estar com os outros, em uma atitude de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. (BRASIL, 1998, p.23, V.I)

Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis.

Contemplar o cuidado na esfera da instituição da educação infantil significa compreendê-lo como parte integrante da educação, embora possa exigir conhecimentos, habilidades e instrumentos que extrapolam a dimensão pedagógica. Ou seja, cuidar de uma criança em um contexto educativo demanda a integração de vários campos de conhecimentos e a cooperação de profissionais de diferentes áreas. A base do cuidado humano é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como tal. Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos.

O desenvolvimento integral depende tanto dos cuidados relacionados que envolvem a dimensão afetiva e dos cuidados com os aspectos biológicos do corpo, com a qualidade da alimentação e dos cuidados com a saúde, quanto da forma como esses cuidados são oferecidos e das oportunidades de acesso a conhecimentos variados.

As atitudes e procedimentos de cuidados são influenciados por crenças e valores em torno da saúde, da educação e do desenvolvimento infantil. Embora as necessidades humanas básicas sejam comuns, como a de alimentar-se, proteger-se e outras formas de identificá-las, valorizá-las e atendê-las são construídas socialmente. As necessidades básicas podem ser modificadas e acrescidas de outras de acordo com o contexto sociocultural. Pode-se dizer que além daquelas que preservam a vida orgânica, as necessidades afetivas são também base para o desenvolvimento infantil. A identificação dessas necessidades sentidas e expressas

pelas crianças dependem também da compreensão que o adulto tem das várias formas de comunicação que elas, em cada faixa etária possuem e desenvolvem.

Em determinados contexto socioculturais, é possível que o adulto que cuida da criança, tendo como base concepções de desenvolvimento e aprendizagem infantis, de educação e saúde, acredite que os bebês devem aprender a permanecer no berço, após serem alimentados e higienizados, e, portanto, não considerem o embalo com um cuidado, mas como uma ação que pode “acostumar mal” a criança. Em outras culturas, o embalo tem uma grande importância no cuidado dos bebês, tanto que existem berços próprios para embalar. Para cuidar é preciso antes de tudo estar comprometido com o outro, com sua singularidade, ser solidário com suas necessidades, confiando em suas capacidades. Disso depende a construção de um vínculo entre quem cuida e quem é cuidado.

O cuidado está relacionado, principalmente, as necessidades das crianças, que quando observadas, ouvidas e respeitadas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade do que estão recebendo. Os procedimentos de cuidado também precisam seguir os princípios de promoção à saúde. Para se atingir os objetivos dos cuidados com a preservação da vida e com o desenvolvimento das capacidades humanas. É necessário que as atitudes e procedimentos estejam baseados em conhecimentos específicos sobre o desenvolvimento biológico, emocional, e intelectual das crianças, levando em consideração as diferentes realidades socioculturais.

Além da dimensão afetiva e relacional do cuidado, é preciso que o professor possa ajudar a criança a identificar suas necessidades e priorizá-las, assim como atendê-las de forma adequada. Assim, cuidar da criança é, sobretudo, dar atenção a ela como pessoa que está em contínuo crescimento e desenvolvimento.

Compreender sua singularidade, identificar e responder às suas necessidades. Isto inclui interessar-se sobre o que a criança sente e pensa, o que ela sabe sobre si e sobre o mundo, visando à ampliação deste conhecimento e de suas habilidades, que aos poucos a tornarão mais independente e autônoma.

Sendo assim, o professor precisa compreender que o “cuidar” necessita de conhecimento e cooperação de profissionais de diversas áreas. Pois, cuidar é valorizar, é ajudar para desenvolver capacidades, nesse sentido a ação conjunta de professores é essencial para que o educar e o cuidar aconteça de forma integrada no processo educativo da criança.

3.4 Características da criança da educação infantil

A concepção de criança é uma noção historicamente construída e consequentemente vem mudando ao longo dos tempos, não se apresentando de forma homogênea nem mesmo no interior de uma sociedade. Boa parte das crianças enfrenta um cotidiano bastante adverso que as conduz muito cedo a precárias condições de vida e ao trabalho infantil. Outras são protegidas recebendo de suas famílias e da sociedade todos os cuidados necessários ao seu desenvolvimento, inclusive a educação. Essa dualidade revela a contradição de uma sociedade que enfrenta ainda grandes desigualdades sociais.

A criança como todo ser humano, é um sujeito histórico e social, possuindo uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas e com o meio que as circundam, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em vivem, as relações contraditórias que presenciam e, nas brincadeiras explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos. No processo de construção do conhecimento, as crianças se utilizam, das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar.

Compreender, conhecer, e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da educação infantil e de seus profissionais, embora os conhecimentos da psicologia, antropologia, sociologia, dentre outros possam desvelar o universo infantil apresentando características comuns de ser criança, permanecem individuais e diferentes, porém com capacidades iguais.

A criança de zero e seis anos, além de dispor conhecimentos acumulados do cotidiano que a cerca, entra na escola com inúmeras curiosidades e necessidades de respostas em relação aos outros, e com os objetos que encontra.

Quando a criança nasce, ela se relaciona com o meio físico e social. Estabelece vínculo afetivo com a mãe e as pessoas que a cercam, só na instituição infantil, ela amplia seus contatos diversos frente a outras crianças, novas experiências e ao novo meio, se adaptando aos poucos com o educador e ao espaço não mais familiar e sim social promovendo importantes vivências culturais.

A criança da educação infantil constrói sua identidade no contato com o meio, na construção do grupo ao qual pertence, na relação com o conhecimento e valores.

Por isso, é indispensável à proximidade com o outro e com os adultos, pois o processo de interação é a base para o desenvolvimento. O desenvolvimento e aprendizagem da criança acontecem através do manuseio e exploração dos objetos do seu meio, como também através da brincadeira, que são fundamentais em suas relações sociais. De acordo com Vygotsky, o conhecimento é construído na interação sujeito-objeto e na mediação social entre eles.

Vários estudos mostram que a criança entre zero e três anos se destaca em movimento descoberta, necessidade de espaço, fantasia e egocentrismo, pois, esta é a fase da constante procura e da curiosidade do mundo exterior responsável por expectativas e aprendizagem. Enquanto que, a criança dos quatro aos seis anos é revelada pela extraordinária evolução de pensamento, atenção, memória, imaginação, raciocínio, e encanto diante do mundo em que se interliga com a realidade objetiva. Nessa fase surgem as atividades motoras, verbais e mentais, despertando o prazer do “faz de conta” eliminando assim suas frustrações.

Na visão sócio-afetivo, conhecemos que é importante que a criança tenha uma imagem positiva de si, percebendo cada qual a sua identidade própria e sua valorização na medida em que se desenvolve e interage com o grupo, não se esquecendo de trabalhar também as diferenças do grupo, em todo o contexto que aparecer.

Enquanto no cognitivo, destacamos o fato de que a criança conhece e constrói as noções e os conceitos à medida que age, observa e relaciona objetos do mundo físico. É na realização destas atividades que as crianças recebem desafios, busca e troca informações desenvolvendo seus pensamentos. Do ponto de vista linguístico, é essencial o desenvolvimento das formas de representação verbal. A comunicação infantil se revela através das histórias, desenhos, músicas, livros de contos de fadas, dentre outros, construindo assim a linguagem escrita das crianças.

Na psicomotricidade, a expansão dos movimentos explorando seu corpo e seu espaço físico, acontece através das atividades cotidianas e o mais importante, através das atividades lúdicas.

A coordenação global e a experimentação levam a criança a adquirir a dissociação de movimentos. Isto significa que ela deve ter condições de realizar múltiplos movimentos ao mesmo tempo. Algumas atividades como andar, que é um ato neuromuscular que requer equilíbrio e coordenação;

correr que requer, além dessa resistência e força muscular; entre outros simultaneamente estão presentes nas atividades infantis, que é global e individual (OLIVEIRA, 1998. P. 41-42)

Sendo assim, compreendemos que o meio social é de grande importância para que a criança se desenvolva, pois, é ele que possibilita as reações da criança promovendo o psico-intelectual. A escola, por sua vez, também é fundamental, pois ela exige a participação dessas relações diversificadas, exercendo diferentes papéis, num processo de conflitos e cooperação. A criança quando inserida em um meio em que lhe é proposta uma infância satisfatória e é estimulada à percepção, descobre as primeiras leituras e conhecimento do mundo e passa a experimentar novas situações cuja compreensão viu-se construindo aos poucos.

A educação parte da necessidade e do interesse da criança estimulando sua atividade e o desenvolvimento de sua criatividade, na conquista pela autonomia. Esses valores devem ser buscados desde os primeiros anos de vida, quando a criança se encontra aberta para si mesma, para outros e para o mundo que a cerca; nessa fase ela é mais sensível a qualquer influência dos fatores externos, e sua personalidade adquire fatores que irão influenciar na vida futura.

4 LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

4.1 Leitura de mundo na educação infantil

Na educação infantil um dos eixos básicos é o trabalho com a linguagem, porque ela é importante para a formação da criança, principalmente na interação com as outras pessoas e na orientação das ações e no desenvolvimento do pensamento. Segundo os PCN's:

As práticas de leitura para as crianças que ainda não sabem ler convencionalmente têm um grande valor em si mesmas, sendo que nem sempre são necessárias atividades posteriores (1998, v.3, p. 141).

Nas atividades de desenho dos personagens, dramatização de histórias ou perguntas sobre o que foi lido só fazem sentido quando estão propostas dentro de um projeto mais amplo e que faça a criança entender o contexto dessa linguagem,

assim a criança pode reproduzir o que entendeu mesmo sem uma linguagem culta. Desde bem pequena, instintivamente, a criança percebe e estabelece uma relação entre seus sentimentos e o meio de convívio. Aos poucos, se apropria desse valioso instrumento de expressão e é tomada pela sonoridade e ritmo das palavras, pela significação afetiva e imaginativa.

Uma aprendizagem significativa da língua, por meio de um trabalho com a linguagem oral e escrita, desenvolverá gradativamente as capacidades associadas às quatro competências linguísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever, possibilitando o acesso da criança ao mundo letrado (BRASIL, 1998, v. 3, p. 117).

Segundo Kramer e Souza (1996), embora a insistência na obrigatoriedade da leitura se dê em nome da formação do hábito de ler, as didáticas das práticas de linguagens, acabam se afastando dos alunos. Como a imitação faz parte do processo de aprendizagem da criança, ver outras pessoas lendo é importante para as suas primeiras experiências com a leitura, porque a criança tende a imitar o que ouve e ver, transformando assim a leitura em algo que a interessa, elevando o seu raciocínio para recontar a história posteriormente.

Aprende-se a ler vendo outras pessoas lerem, prestando atenção às leituras que elas fazem para si, experimentando e errando é assim o processo de aprendizagem da leitura. Se desde pequena a criança tiver contato com a leitura, sendo estimulada por aqueles com os quais convive em casa e na escola, são grandes as chances de ela ser uma leitora efetiva e assídua. A leitura de histórias é um momento que proporciona à criança o conhecimento da forma de viver, pensar, agir de outras culturas, de outros tempos e lugares bem como o universo de valores.

Quando a criança descreve a natureza da relação do eu com o outro e suas implicações para a constituição do indivíduo, afirma que o “eu” só existe ao relacionar-se e dialogar com os outros, pois precisa dos outros para se definir e se diferenciar. É na interação e no diálogo com o outro nas situações práticas em que vivemos que a nossa subjetividade é criada. A família tem um importante papel no desenvolvimento de nossa subjetividade na medida em que dela fazem parte às primeiras pessoas com as quais temos contato, portanto, antes mesmo de ser

alfabetizada, a criança pode ser levada a descobrir quão importante e interessante é o contato com a leitura.

Assim, o ambiente familiar e a escola de Educação Infantil exercem grande importância na formação do sujeito leitor. Embora a família e os amigos tenham uma função de valor inestimável na formação leitora dos indivíduos, recai tradicionalmente sobre a escola a função de iniciar e desenvolver a criança nas práticas das linguagens. A leitura deve assegurar a interação significativa e funcional da criança com a língua escrita. Isso requer o uso da escrita no cotidiano da aula, nos livros, nos cartazes que anunciam determinadas atividades.

4.2 O pensar da criança e o seu direito sobre a escrita

A escrita deve chegar à vida de uma criança de forma que elas possam gostar e tenham interesse pela mesma. A escrita deve ser ensinada com sentido, não pode ser ensinada sem primeiro mostrar para a criança o que ela irá fazer, sempre deve se dar uma introdução para elas entender o que estão aprendendo e o porquê aprender aquela nova palavra. Se deve ensinar sempre através de signos e não através de sinal.

Quando defendermos o contato da criança com a escrita desde a educação infantil, estamos além de nos envolvendo diretamente ou indiretamente com o seu desenvolvimento infantil em toda a sua potencialidade, mas também garantindo seus direitos. Pois o currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, para assim conseguir defender a fase inicial da criança no ambiente escolar, desse modo conseguir promover um grande desenvolvimento na aprendizagem de crianças de 0 a 5 anos de idade.

A escrita e a cultura são de grande importância para o patrimônio da humanidade, portanto, são de direitos da criança. Quando ensinamos o contato das crianças com a escrita, estamos tentando incluí-las na cultura escrita, mostrando e acolhendo suas diferentes práticas sociais e culturais, além de dá sentido para ela esse contexto da escrita. Mas é preciso cuidar para que elas tenham acesso à complexidade da linguagem verbal, de uma forma prazerosa e por um meio de um processo bastante criativo, tornando assim uma das mais importantes heranças

culturais que a crianças adquire com a escrita, sendo ela a responsável por mudanças no modo como as sociedades se organizaram, com reflexos no próprio modo de pensar das pessoas.

No Brasil, em especial, ao defender a escrita na educação infantil é ainda mais contundente dada à realidade da grande maioria das crianças que frequentam instituições públicas de educação, que muitas vezes acontece como um abrigo, deixando aprendizagem como último recurso que adquiriu naquele ambiente, em outros casos, encontram ali a única oportunidade de obter informações que há muito circulam entre as famílias mais escolarizadas. É, portanto, papel da educação infantil disponibilizar a todas as crianças as informações necessárias para que possam crescer na aprendizagem além de pensarem sobre sua própria língua. Mas isso não deve significar, de modo algum, apressar a escolarização, pelo contrário, é preciso ter uma atenção maior, pois essa fase é perigosa, por que o modo ao ser passado à escrita pode gerar em muitas crianças frustrações para vida inteira.

Resumindo o contato com as linguagens não tem o objetivo de garantir que todas as crianças leiam e escrevam autonomamente ao final da educação infantil, e muito menos é uma expectativa que se deva ter, nessa fase, mas o importante é assegurar a elas o direito de pensar sobre o assunto, de explorar ideias sobre o que se escreve e como se escreve de uma forma dinâmica que possa estimular essas crianças.

5 APRENDIZADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O papel da Educação Infantil na ampliação do contato das crianças com o mundo da escrita é diferenciada. Como é possível notar, considera-se essencial planejar atividades e situações em que as crianças vivenciem essa aprendizagem, nessa etapa da Educação Infantil, é possível práticas de linguagens, sem que isso signifique desconsiderar suas necessidades e interesses na forma lúdica que é essencial para educação infantil, planejando momento conjunto com as linguagens utilizando o lúdico. Assim, defendendo o espaço da linguagem escrita e da leitura, andar ao lado das outras tantas linguagens, em que os meninos e meninas podem se expressar e se desenvolver, conforme destaca o educador italiano Malaguzzi (1999).

É necessário enfatizar ainda que o “ensino” não precisa ser uma palavra proibida na Educação Infantil, pois há muito que ensinar para as crianças menores de seis anos, e elas tem capacidade de assimilar toda aprendizagem passada na sala de aula. Neste sentido, é possível apontar, no que se referem à escrita, algumas alternativas para um ensino pleno de significado para as crianças e que, é importante considera suas reações, o que aprendem como aprendem e o que lhes interessa aprender no seu ambiente educacional. Para atingir o objetivo proposto, a diferentes concepções sobre a apropriação do desenvolvimento das linguagens se articulam e se materializam no trabalho proposto em salas de Educação Infantil.

5.1 Expressões de linguagens na educação formal

As linguagens nos anos 60, predominava o discurso da maturidade para a alfabetização, ou seja, a aprendizagem das linguagens resultaria de um amadurecimento de certas habilidades, de modo que o ensino estaria condicionado a esse desabrochar natural que, supostamente, deveria ocorrer em torno dos seis ou sete anos deixando a criança com menos de seis anos incapaz de aprender a ler e escrever, além de ficarem fora do espaço escolar por serem vista como crianças que apenas sabiam brincar, mas não conseguiam desenvolver aprendizagem necessária em sala de aula.

Acreditava-se, ainda, que a criança não teria qualquer interesse em ler e escrever até essa idade e que tentativas de alfabetizar antes disso eram vistas até mesmo como prejudiciais ao seu desenvolvimento, já que as crianças não estariam prontas para essa aprendizagem. Resumindo, a alfabetização de acordo com Poppovic e Moraes (1966, p. 5) exerce sobre a criança: “um nível suficiente, sob determinados aspectos, para iniciar o processo da função simbólica que é a leitura e sua transposição gráfica, que é a escrita”.

Com base nesse conceito, na época as autoras propuseram um “Programa para o desenvolvimento de funções específicas” contendo exercícios que visavam ao trabalho com diferentes métodos e atitudes consideradas prévias à aprendizagem da escrita e da leitura. Conforme elas falavam, a finalidade não era “entrar no campo da alfabetização, mas sim dar elementos e argumentos para os docentes elaborar um programa graduado de exercitação que pusesse as crianças em condições adequadas para enfrentar esse processo” (p. 23).

Os exercícios propostos eram divididos em três etapas: os sentidos (a vista, o olfato, o paladar, a audição e o tato), as funções específicas (noções quantitativas, orientação espacial e temporal e esquema corporal) e o grafismo. As autoras salientavam ainda que:

O treinamento motor, que está incluído em todos os exercícios, é feito em forma de recorte e colagem na 1ª e 2ª etapas e com o uso do lápis na 3ª etapa. O uso de formas gráficas como números e letras não significa uma entrada no campo da escrita, o que seria totalmente prematuro, antes da aquisição da leitura, mas apenas um treinamento motor da movimentação direcional certa que a criança necessitará mais tarde (POPPOVIC; MORAES, 1966, p. 23).

Tendo em vista todos esses princípios, é possível concluir que o trabalho na Educação Infantil deveria evitar qualquer contato direto com as linguagens e se concentrar apenas no estímulo do ensino do lúdico, ou seja, nos chamados, pré-requisitos para aprender a ler e escrever, tais como o desenvolvimento de habilidades de coordenação viso-motora, memória visual e auditiva, orientação espacial, articulação adequada de palavras, certo grau de atenção e concentração, boa alimentação, entre outros.

Conforme salienta Ferreiro (1993), essas ideias justificaram a manutenção do “pré-escolar, isoladamente da língua escrita [...], desenvolvendo habilidades prévias que, segundo parece, maturam em contextos alheios à língua escrita” (p. 65, grifos da autora). Observa-se que tal concepção sobre a aprendizagem das linguagens teve um impacto na orientação de políticas públicas para o atendimento a crianças em pré-escolas nos anos 1970 e 1980 do século XX (ver Kramer, 1992), bem como nas atividades realizadas em salas de Educação Infantil por todo o País.

Porém, já nos anos 1920 e 1930, pesquisadores questionavam essas noções. Vygotsky (1984), por exemplo, salientava que bem antes dos seis anos as crianças eram capazes de descobrir a função simbólica da escrita e até começar a ler aos quatro anos e meio sem deixar sua infância prejudicar seu desenvolvimento. Para ele, o problema maior não era a idade em que a criança seria alfabetizada, mas sim o fato da escrita ser “ensinada como uma habilidade motora, e não como uma atividade cultural complexa” (p. 133).

Assim, criticava o trabalho da maioria das escolas de sua época, incluindo as propostas de Montessori, por desconsiderarem que a escrita deveria ter significado para as crianças. Ou seja, para Vygotsky, a escrita precisaria ser ensinada como algo relevante para a vida das crianças, pois somente dessa forma ela se desenvolveria não como “hábito de mão e dedos, mas como uma forma nova e complexa de linguagem” (p. 133).

O discurso da prontidão também foi questionado por profissionais da área de educação que apontavam a baixa qualidade dos exercícios preparatórios: muito repetitivos e vazios de significado para as crianças, além de obrigarem que elas ficassem presas durante muito tempo a atividades com papel e lápis, apenas para suas coordenações motoras e que não era possível o contato direto com as linguagens, deixando a aprendizagem dessas crianças como robôs que não tinha capacidade de desenvolver nada.

Contudo, o maior golpe nesse discurso foi o fato de que o fracasso na alfabetização continuava, principalmente quando se trata das linguagens na educação formal. Embora tenha sido evidente que o Estado tem feito investimentos na educação pública, com a disseminação de programas preparatórios a fim de proporcionar a maturação da almejada capacitação do estudante e ler e escrever no tempo regular do processo educacional.

5.2 A obrigação da alfabetização

Se não há sustentação teórica ou empírica para a ideia de pré-requisitos para alfabetização, por que esperar até os seis ou sete anos para alfabetizar as crianças?

Os que adotam esse modo de pensar defendem, portanto, que as crianças concluam a Educação Infantil já dominando certas associações grafo fônicas, copiando letras, palavras e pequenos textos, bem como lendo e escrevendo algumas palavras e frases. Os exercícios preparatórios são, assim, substituídos pelo trabalho exaustivo com letras, iniciando pelo reconhecimento e escrita de vogais, seguindo-se o trabalho com as consoantes e famílias silábicas. Subjacente a esse tipo de trabalho na Educação Infantil está a ideia de que a aquisição das linguagens corresponde à aquisição de um código de transcrição do escrito para o oral e vice-versa, bastando à criança memorizar as associações som-grafia para ser alfabetizada.

Semelhantemente à abordagem dos pré-requisitos, a ênfase está no desenvolvimento de habilidades perceptuais e motoras. A diferença é que letras e palavras são utilizadas para o treino perceptual e motor, em vez de outros traçados, formas ou figuras.

Ao ensinar a criança na educação infantil a ler e escrever não significa que se quer obrigar a criança a concluir a Educação Infantil alfabetizada ou “lendo palavras simples”, por meio de exercícios repetitivos de cópia, ditado e leitura de letras, sílabas e palavras; por outro lado, também não se pretende que ela mergulhe em um mundo que exclui textos, palavras ou letras e que, portanto, não existe na maioria dos quadrantes de nosso país, hoje é possível construir a alfabetização já na educação infantil promovendo nessa fase um grande início para aprendizagem.

As ideias de Ferreiro e Teberosky sobre o processo de alfabetização, que começaram a ser divulgadas no Brasil, ao final da década de 1970, trazendo um grande impacto para as formas de pensar a alfabetização, bem como para a reflexão sobre o próprio papel da Educação Infantil e, por outro lado, na perspectiva sociointeracionista que alerta para a importância do papel da escola na inserção das crianças na cultura escrita desde cedo. Assim, nessa perspectiva, a alfabetização passa a ser entendida como um longo processo que começa bem antes do ano escolar em que se espera que a criança seja alfabetizada e consiga ler e escrever pequenos textos, já nos primeiros anos escolares. Nas palavras de Ferreiro (1993, p. 39), isto significa que:

[...] não é obrigatório dar aulas de alfabetização na pré-escola, porém é possível dar múltiplas oportunidades para ver a professora ler e escrever; para explorar semelhanças e diferenças entre textos escritos; para explorar o espaço gráfico e distinguir entre desenho e escrita; para perguntar e ser respondido; para tentar copiar ou construir uma escrita; para manifestar sua curiosidade em compreender essas marcas estranhas que os adultos nos põem nos mais diversos objetos.

Ao investigar o que as crianças sabem/pensam sobre a escrita antes de serem alfabetizadas, Ferreiro e colaboradores mostraram que elas formulam hipóteses acerca das funções e funcionamento da escrita, queiram ou não os seus professores, essa realidade é comprovada em sala de aula, porque mesmo antes do convívio escolar as crianças conseguem ter contato direto com as linguagens,

chegando ao ambiente escolar com grande bagagem de conhecimentos. Porém, Ferreiro (1993) adverte que as oportunidades de interagir de modo significativo com a escrita não são iguais para todas as crianças. Assim salienta que:

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar-se muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. (FERREIRO, 1993, p. 23)

Portanto, na Educação Infantil muito pode ser feito na direção apontada, especialmente, para as crianças que teriam menos oportunidades de participar de situações mediadas pela escrita, seja por meio da leitura ou da produção de textos, ficando o docente responsável por desenvolver o estímulo pelas linguagens dessas crianças, ficando não somente em sala de aula, mas conseguindo, de forma direta, a ajuda da família para o crescimento dessa aprendizagem. Assim, concordamos inteiramente com Solé (2003), quando ela afirma que:

Não se trata de acelerar nada, nem de substituir a tarefa de outras etapas com relação a esse conteúdo (a leitura); trata-se simplesmente de tornar natural o ensino e aprendizagem de algo que coexiste com as crianças, que interessa a elas, que está presente em sua vida e na nossa e que não tem sentido algum ignorar. (p.75)

5.3 A linguagem no cotidiano da educação infantil

Defende-se na educação infantil que é importante garantir que a criança vivencie situações diversificadas, mas que hoje elas tenham contato direto com as linguagens. Tal defesa dá-se através da articulação de proposição de que nesta faixa etária, antes a criança tinha contato apenas com brincadeira, constituindo assim como atividade central do cotidiano infantil. Mas hoje essa realidade modificou-se, na educação infantil a criança não só convive com o brincar, pois é possível que brincando elas tenham contato com as linguagens, isso acontece por que as crianças participam do mundo adulto e aprendem suas características, compartilhando com os adultos o contato com diversificados meios de leitura, sem

deixar suas brincadeiras, elas podem também ingressar na cultura da escrita, e nesse contexto é possível propor que sejam garantidas situações de convívio com a escrita e leitura, sem, no entanto, tornar essa vivência um fardo para criança, principalmente porque tanto no contexto familiar como escolar há formas de transmitir as linguagens de modo prazeroso sem ser um fardo para a criança.

É comum, nas salas de educação infantil, atividades de conversa, hora da novidade, roda para contar histórias, entre outras situações que estimulam o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. Nesses momentos, as crianças ampliam suas habilidades de uso da linguagem, tanto oral como escrita, aprendendo de uma forma lúdica que possa elevar o prazer da descoberta do que está fazendo.

Aprendem oralmente, a diferenciar os variados modos do falar, interagir de modo cada vez mais autônomo por meio da fala e da escrita mesmo que sejam apenas rabiscos, aprendem a ouvir com atenção e a responder de modo ativo as perguntas que lhe são feitas, nos momentos de leitura e atividades propostas pelo docente.

Da mesma forma que as crianças interagem para aprender a linguagem oral elas também interagem e podem aprender a escrita por meio de situações variadas em que adultos ou crianças mais experientes possibilitem o contato com os textos que circulam socialmente, esse contato pode ser propiciado por meio de leitura, produção de textos e reflexão da língua e depende das práticas em sala de aula para que o momento seja de muita aprendizagem.

5.4 As etapas da Alfabetização

As etapas da escrita, posteriormente da leitura e alfabetização são relativamente fáceis de identificar e classificar, assim que a criança inicia no ambiente escolar. Antes de conhecer o ambiente escolar é possível saber o conhecimento que os indivíduos têm, o interesse que as crianças começam a desenvolver pelas letras a partir dos 3 anos de idade, querendo ler coisas à sua volta, desenhar as letras e aos poucos percebendo a sua função, que esse mundo tem para elas.

Nos últimos 30 anos, Emilio Ferreira teve grande responsabilidade, e influência sobre a forma de como pensamos e alfabetizamos as crianças nos dias atuais e os processos de alfabetização aplicados em sala de aula. Ela estudou e

detalhou os mecanismos que envolvem o aprendizado das linguagens nas crianças, o que causou um grande impacto na forma como ensinamos a ler e escrever hoje, fazendo ter novas visões sobre a educação infantil, levando o professor a descobrir novos métodos de identificar a aprendizagem do infantil. Ficando a alfabetização dividida em antes e depois de Emília Ferreiro, porque depois dos seus estudos o próprio docente procurou intensificar e melhorar sua formação.

A maior influência de Emília Ferreiro foi o abandono do uso de cartilhas para a alfabetização, levantando a bandeira de que devesse usar textos da atualidade, livros, histórias, recortes de jornal e revistas, utilização de formas lúdicas. Hoje, as ideias construtivistas dela conduzem a forma como alfabetizamos as crianças, já que boa parte das suas ideias foram adotadas como diretrizes oficiais pelo Ministério da Educação.

Ela mostrou que a construção do conhecimento acontece através de sequências de hipóteses, e são elas que contribuem para o avanço da aprendizagem. Assim, a alfabetização infantil é encarada como etapas ou fases claramente distintas, como descrevem em seu livro *Psicogênese da Língua Escrita*. As fases de alfabetização de acordo com Ferreiro (1993) são:

- Pré-silábica: não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada.
- Silábica: interpreta a letra a sua maneira, atribuindo valor de sílaba a cada uma.
- Silábico-alfabética: mistura a lógica da fase anterior com a identificação de algumas sílabas.
- Alfabética: domina, enfim, o valor das letras e sílabas.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Para o desenvolvimento da metodologia deste trabalho foi feito e aplicado um questionário estruturado, contendo 5 questões abertas, direcionadas a um grupo composto por 5 docentes da educação infantil, do município de Boa Vista-PB. A pesquisa é do tipo qualitativa, com enfoque descritivo, objetivando perceber os aspectos subjetivos da natureza humana.

Para isso, inicialmente foi feito o contato com os docentes pretendentes, a fim de deter-nos no consentimento para a realização desta pesquisa e a colaboração para com o objeto pesquisado. Os docentes se dispuseram a responder as questões com satisfação, permitindo que as falas fossem registradas sem identificações.

A análise desta pesquisa direciona-se aos entendimentos que há por parte dos docentes da educação infantil, em relação à importância das linguagens para o início do processo de ensino na aprendizagem das crianças nos anos escolares iniciais.

Diante disto, observamos que os dados pesquisados colaboram para o bom desenvolvimento da educação infantil, na medida em que as linguagens são consideradas partes fundamentais para o desenvolvimento das crianças nesta fase do ensino, bem como facilita o despertar da aprendizagem independentemente das condições socioculturais em que os indivíduos estejam inseridos.

Esta realidade também está interligada aos estudiosos da área que nos permitem perceber as contribuições dadas aos educadores da educação infantil, no momento em que são transmitidos os conhecimentos aos alunos aprendizes, e por sua vez, recebem a orientação adequada para o conhecimento das atividades em sala de aula para que sejam desenvolvidas de forma dinâmica levando os alunos a despertar o interesse pelas linguagens.

Neste sentido, buscamos alicerçar a pesquisa levando em consideração a realidade das práticas de ensino no município de Boa Vista-PB. Dessa forma, nos aprofundamos em aspectos ligados à forma que o docente conduz essa aprendizagem como:

- Materiais didáticos utilizados em sala de aula pelos professores e alunos, levando em conta os principais;
- Importância da introdução das matérias concretas para aulas;
- Motivação dos alunos no manuseio com os materiais;
- Uso tecnológico na pratica das linguagens;
- Desenvolvimento das práticas nas linguagens de forma lúdica;

No que concerne aos materiais didáticos utilizados em sala de aula, percebeu-se que a maioria dos professores utiliza essa prática como forma de contribuir para a melhor adaptação dos conteúdos pelos alunos, posto que facilita uma melhor aprendizagem. Para que toda essa prática aconteça os docentes

recebem apoio pedagógico que os auxilia o desenvolvimento da aprendizagem, de forma que nos anos iniciais já possa acontecer a alfabetização.

Nesse sentido, verificou-se que os materiais concretos lúdicos podem auxiliar o desenvolvimento das linguagens em sala de aula com a educação infantil as docentes utilizam múltiplas possibilidades de leitura em suas aulas, seja através de histórias, músicas, teatros, etc. Os sujeitos pesquisados revelam que acham imprescindível a utilização do material concreto em sala de aula, pois cada aula precisa de um incentivo diferente e o aluno, por sua vez, participa de forma ativa, uma vez dinâmico e motivado para aprendizagem.

6.1 Discussões dos resultados das entrevistas

De acordo com a pesquisa de campo que subsidiou este trabalho, cujo título é DESENVOLVIMENTO DE LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL, percebe-se a real necessidade de programar práticas de leitura em sala de aula, bem como o uso de materiais capazes de ampliar o universo da aprendizagem. Levando-se em consideração os relatos e posicionamentos dos docentes que defendem e comprovam a necessidade de implementação da leitura na educação infantil, é possível comprovar que não são enigmas sem resultados as linguagens na educação infantil, levando em consideração que desde seus primeiros conhecimentos as crianças têm contatos com diversos meios e fontes que levam ao conhecimento dessa aprendizagem, ficando apenas o aprimoramento em sala de aula. Observamos a seguir as respostas de algumas docentes do município de Boa Vista-PB:

QUESTÃO 1	Em seu ponto de vista qual idade correta para o início das linguagens?
PROFESSORA	RESPOSTAS
A	Não existe uma idade certa, pois as relações entre as linguagens não são tão fáceis de serem percebidas, definidas,

	conscientizadas e atualizadas, é mais difícil ainda quando pensamos nos pequenos (educação infantil). Em razão disso é preciso que desde cedo trabalhemos com as relações entre essas duas representações, para que a criança já comece a perceber as diferenças básicas entre elas. Com isso é importante valorizar as diferentes aprendizagens. Nem todas as crianças aprendem na mesma hora ou do mesmo jeito.
B	No meu ponto de vista, não existe uma idade padrão para o início dessas atividades, considero o momento certo, aquele em que a criança já consegue ter autonomia em sua fala e já demonstra que é capaz de avançar.
C	Não existe idade certa.
D	A idade correta é quando a criança consegue desenvolver seus conhecimentos, não precisa denominar uma idade certa.
E	Não tem uma idade predominante, tendo em vista que desde os primeiros anos a criança já convive com esses métodos de aprendizagem.

De acordo com as respostas das professoras entrevistadas, verifica-se que a compreensão de que as linguagens iniciam já na educação infantil, possibilitando o desenvolvimento da criança em um aspecto bem mais amplo, tendo em vista que essas crianças chegam com uma vasta bagagem de conhecimento. Percebemos que as docentes explicam a importância da introdução do desenvolvimento das linguagens, respeitando o momento favorável de aceitação para essa nova metodologia, e assim elas possam valorizar essa aprendizagem.

O professor deve ter fundamentos pedagógicos para administrar o contato da criança com as linguagens de uma forma eficiente e com finalidades para atingir os conhecimentos adquiridos pelas crianças, e que possa criar assim novas possibilidades de contribuições para aprendizagem.

As crianças não precisam atingir certa idade e nem precisam de professores para começar a aprender. A partir do nascimento já são construtoras de conhecimento. Levantam problemas difíceis e abstratos e tratam por si próprias de descobrir respostas para elas. Estão construindo objetos

complexos de conhecimento. E o sistema de escrita é um deles.
(FERREIRO, 1993, p. 03)

Nesse sentido, verifica-se que os desenvolvimentos das linguagens podem ser usados como práticas na educação infantil, ficando o professor responsável por introduzir de forma diversificada essa metodologia.

QUESTÃO 2	Qual a possibilidade de a criança na educação infantil desenvolver as linguagens?
PROFESSORA	RESPOSTAS
A	Em relação à leitura acredito que existem dois fatores que contribuem para que a criança desperte o gosto pela leitura: “curiosidade e exemplo”. Quanto mais cedo a criança tiver contato com os livros e perceber o prazer que a leitura produz maior será a probabilidade de torna-se um leitor. Ao ouvir histórias a criança constrói seu conhecimento a respeito da linguagem escrita, que não se limita ao conhecimento das marcas gráficas que ela terá que produzir ou interpretar.
B	Essa possibilidade vai depender de como a criança foi trabalhada de como foi estimulada, e acima de tudo se ela não apresenta nenhuma patologia que impeça dela avançar cognitivamente.
C	A possibilidade acontece a partir do momento que o docente insere em sua sala de aula momentos de leitura e escrita, despertando na criança o interesse em começa a interagir com esses métodos.
D	Depende da forma que é trabalhado por nós professores e como essa criança chega ao início, porque algumas vão desenvolver e outras não.
E	Como docente vejo inúmeras possibilidades, principalmente trabalhando a leitura e escrita junto com o lúdico.

Todas as docentes responderam de forma positiva sobre as possibilidades de a criança aprender as linguagens. Para elas depende de como elas foram trabalhadas antes do ambiente escolar, até onde consegue despertar o gosto por

essa aprendizagem. Ressaltando que em sala de aula o professor pode usar metodologias diversificadas para conseguir fazer a criança desenvolver o interesse pelas linguagens.

Nesse sentido, é possível observar que depende muito da motivação que a criança chega à sala de aula, e as formas como os professores possibilitam o contato com as linguagens, tendo eles o cuidado para esse acesso ser de uma forma prazerosa, assim elas não se sentirão frustrados no decorrer de suas aprendizagens. O professor não ensina, mas arranja modos de a própria criança descobrir. Cria situações-problemas.

O educador deve sempre estar pronto para atingir o esperado pela criança, criando com elas um mundo de novas possibilidades, utilizando os recursos necessários e dinâmicos.

QUESTÃO 3	Você desenvolve as linguagens com crianças na educação infantil? De que forma e qual aprendizagem você percebe que essa criança obteve?
PROFESSORA	RESPOSTAS
A	Sim, a leitura deve ser uma atividade permanente no dia a dia do nosso trabalho. A literatura infantil é um caminho que leva a criança a desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa. De tal forma que a escrita espontânea irá se desenvolvendo também.
B	Sim, recontando a leitura feita pelo professor, e quando o aluno escreve algo que faz parte da história contada pelo professor, mesmo que essa escrita ainda não seja de forma convencional.
C	Sim, primeiramente rodas de histórias em que a criança pode recontar a história da sua forma, depois desenvolverem a escrita da mesma forma que a criança consegue seja apenas rabiscos.
D	Sim, utilizando livros de literatura de forma que eu possa ter contato com os livros e contem a história da forma que eles entendem, só depois reconto a história correta, e estimo a escrita da história com minha ajuda.

E	Sim, utilizo em minha sala de aula os meios tecnológicos, vídeos, DVD, televisão com histórias oral e cantada, depois desenvolvo a criação de uma história diante do que eles assistiram.
----------	---

As educadoras respondem esta questão de modo positivo, enfatizando o uso das linguagens em suas práticas pedagógicas na sala de aula, demonstrando as formas que utilizam tal metodologia para desenvolver e avançar o conhecimento das crianças, utilizando recursos que tornem a aula prazerosa.

Através dessas metodologias a possibilidades de observação da linguagem da criança no momento em que acontecer a leitura, conseguindo as professoras obter uma reflexão sobre o desenvolvimento das crianças e assim refletir sobre quais caminhos mais corretos para seguir sua metodologia em sala de aula.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. (PAULO FREIRE)

Diante disso as educadoras podem avaliar e reconhecer os benefícios que a leitura e escrita possibilita para educação infantil, criando e aplicando novo mecanismo para o avanço do conhecimento dessa fase.

QUESTÃO 4	De forma lúdica em seu entender é possível trabalhar as linguagens?
PROFESSORA	RESPOSTAS
A	Sim, o lúdico torna a aprendizagem prazerosa.
B	Sim, com certeza.
C	Sim
D	O lúdico é o início correto para começa a introduzir as linguagens.
E	Sim, é através do lúdico que podemos ensinar as linguagens de forma prazerosa.

A docente pesquisada ressalta a importância do trabalho com o lúdico para desenvolver as linguagens, para elas torna a aprendizagem mais prazerosa,

elevando o gosto da criança para essa metodologia, pois a criança leva a sério as brincadeiras dando ênfase à aprendizagem.

Desta forma é possível ressaltar o processo de desenvolvimento dos alunos observando e analisando qual o progresso há em estimular o lúdico junto com a linguagem oral e escrita, tornando esse caminho de conhecimento um só com dinamismo e grande aprendizagem. Assim, acredita-se que a inserção do lúdico nas práticas pedagógicas de linguagens é uma alternativa que promove o interesse das crianças em adquirir e aumentar a sua capacidade intelectual no decorrer da sua caminhada de aprendizagem.

QUESTÃO 5	Você concorda que a criança da educação infantil não tem condições de aprender a ler e escrever?
PROFESSORA	RESPOSTAS
A	Não, mas acredito que não é função da educação infantil alfabetizar a criança, se entendemos por alfabetizar levar a criança terminar essa etapa já sabendo ler e escrever com alguma segurança, não é isso (embora isso possa acontecer), o que é próprio dessa etapa é o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades necessários para que a criança siga uma trajetória de sucesso na aprendizagem da leitura e escrita.
B	Discordo plenamente, todos têm capacidade de aprender.
C	Definitivamente discordo, porque a criança na educação infantil tem capacidade de desenvolver as linguagens, mas é preciso que nós docente estejamos prontos para ajudar essas crianças de uma forma que eu consiga aprender com prazer.
D	Toda criança tem condições de aprender.
E	A criança na educação infantil pode claramente desenvolver as linguagens, até porque elas chegam ao ambiente escolar hoje em dia com uma grande bagagem de aprendizagem.

Nesta última questão é notório que a docente entrevistada (E) não concorda com a hipótese de que a criança no infantil não tenha capacidade de ser alfabetizada, pois toda criança já chega ao ambiente escolar com conhecimentos

adquiridos a partir da convivência em família, sendo assim as educadoras têm consciência do que pode ser adquirido em sala de aula.

Verificando a resposta da professora “A”, esta ressalta a importância de observar que não é responsabilidade da educação infantil alfabetizar, mas que há a possibilidade do acontecimento desta etapa, tendo em vista que nem todas as crianças vão sair da educação infantil com a mesma aprendizagem, existem inúmeras possibilidades.

Desta maneira as linguagens hoje podem estimular o avanço da aprendizagem já na educação infantil, principalmente agora que ela é vista como parte essencial para o início do aprender, deixando para trás a titulação de que na educação infantil havia apenas brincadeiras e desabrochando as linguagens em conjunto com o lúdico para adquirir novos conhecimentos das crianças. A educação deve basear-se na evolução natural das atividades da criança, afirma Froebel.

Destacando assim que a citação das educadoras demonstra a compreensão que elas têm em relação às linguagens na educação infantil, percebe-se que há resultados positivos hoje com o uso dessa nova ideia implantada na metodologia da educação infantil por parte dos docentes, criando assim um desenvolvimento positivo e global do conhecimento infantil.

Este trabalho de pesquisa de campo e teórico só veio a somar para o aperfeiçoamento de nossas concepções sobre a reflexão em torno das linguagens no início da educação infantil, promovendo a aprendizagem de modo que entendemos a capacidade que a criança na fase infantil pode desenvolver diante da sua aprendizagem, sendo hoje indispensável essa prática educativa já na educação infantil, tendo em vista que os educadores têm formas lúdicas de acrescentar essa metodologia cada vez mais cedo, fator que colabora e amplia as possibilidades de efetivação da aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação infantil no Brasil hoje contempla mais a criança de 0 a 5 anos, repassando orientações e financiamentos para melhoramento do ensino direcionado a esta faixa etária, proporcionando uma aprendizagem diferenciada da anterior, possibilitando aos educadores novas metodologias para suas práticas em sala de aula.

Percebe-se, a partir desta pesquisa que vivemos um novo momento na educação infantil, que necessita e exige dos professores uma maior consciência para intervir em suas práticas e modificar sua metodologia, trabalhando em conjunto com o lúdico e as linguagens nessa fase.

Desta forma, faz-se importante o educador da fase infantil tenha consciência da necessidade de recorrer aos recursos existentes, capazes de introduzir as linguagens prazerosa, promovendo assim possibilidades outras no desenvolvimento da aprendizagem da criança. Sendo assim procuramos neste trabalho analisar a importância das linguagens no desenvolvimento da criança, ressaltando a contribuição na aprendizagem infantil, visto que as linguagens hoje já se fazem própria do cotidiano infantil, podendo assim desenvolver de maneira individual e coletivo na criança o gosto pelas linguagens, contribuindo com a socialização no ambiente escolar e no cotidiano, sendo hoje para o educador infantil uma prática nova que trabalha em comunhão com a ludicidade.

Assim sendo, faz-se necessário que na escola os professores tenham habilidades para desenvolver práticas de modo a desenvolver as linguagens de uma maneira prazerosa, bem como refletindo e inovando em suas metodologias para o avanço do processo de aprendizagem.

Desta forma, compreende-se que tanto o aprendizado quanto o desenvolvimento da criança podem interferir em seu modo de agir no mundo, já que este agir dependerá do incentivo e estímulo que a criança depende para aprimorar seus conhecimentos no mundo que a cerca, sendo assim é preciso organizar adequadamente sua metodologia.

Considerando que o professor deve primeiro conhecer a criança e assim saber que ela é um sujeito de direitos, social e histórico, e não ver a criança como um ser vazio, sabendo que tem plena capacidade de iniciar a aprendizagem que estiver ao seu alcance, pois elas são seres ativos e construtores de culturas e

conhecimentos. Portanto faz-se necessário que o profissional tenha formação na área de Educação infantil.

Diante do processo de resgate bibliográfico e da pesquisa de campo enfatiza-se que o educador de educação infantil deve reconhecer na criança um ser de construção sem limites capazes de reconstruir seus conhecimentos, buscando na escola novas contribuições para seu crescimento na aprendizagem. Diante das grandes possibilidades atuais o educador deve propiciar aos seus alunos um ambiente rico de atividades que contemple as linguagens, promovendo assim seu desenvolvimento integral.

Sendo assim, este trabalho apresenta informações do quanto é essencial hoje o professor inserir atividades de linguagens ao seu cotidiano, trabalhando em junção com os atos lúdicos ele culmina com grandes transformações na criança avançando seu desenvolvimento na aprendizagem, comprovamos que o educador que oportuniza a leitura e escrita no ambiente escolar, abre novos caminhos para envolver todos numa proposta que oportuniza a criança ser alfabetizado já na educação infantil, pois ao desencadear as linguagens em seu trabalho ele provavelmente, será mais produtivo, prazeroso e significativo.

Diante das visões aqui mencionadas, é possível compreendermos o quanto as linguagens se configuram como importantes e significativas para educação infantil sendo uma realidade hoje desenvolvida na sala de aula, posto que propiciam o enriquecimento do conhecimento da criança, estimulando assim, seu interesse no processo de aprendizagem. No município de Boa Vista-PB foi possível verificar a construção destas práticas das linguagens relatadas a partir dos dados coletados junto às professoras da educação infantil resultados significativos no que concerne ao contexto da aprendizagem.

Podemos concluir por meio deste trabalho acadêmico, e através dos resultados analisados, reconhecer o quanto as linguagens são relevantes para as crianças desde sua fase inicial, fazendo-as conhecer e construir seu próprio caminho de conhecimento, tornando-se capaz de exercer com autonomia e competência sua cidadania. Portanto, a introdução das práticas de leitura e escrita devem ocorrer juntamente com os ensinamentos advindos dos lares das crianças e complementados a partir de um olhar direcionado do professor, atento às necessidades do aprimoramento metodológico.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1985.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Medicas, 1979.

KRAMER, Sonia. **Ler, escrever e contar: os professores e suas experiências com livros (a escola produz não leitores?)**. In Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso. Rio de Janeiro: Escola de Professores, 1995.

KRAMER, Sonia e JOBIN E SOUZA, Solange. **Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação**. São Paulo: Ática, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 23ª Ed. São Paulo: Cortez, 1989.

SOLÉ, Isabel. **Estratégia de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

_____. **Leitura em Educação Infantil? Sim, Obrigada!** In: TEBEROSKY, A. et al. **Compreensão de leitura: a língua como procedimento**. São Paulo; Artmed, 2003.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e escrever: uma Proposta construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. V. 1, 2 e 3.

MELLO, S; MILLER, S. **O desenvolvimento da linguagem oral e escrita em crianças de 0 a 5 anos**. Pró-Infantil: Curitiba, 2008.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1993.

AMATO, Mirian. GARCIA, Neise Aparecida Rodrigues. **A Biblioteca na Escola**. In: NEY, Alfredina. et al. Biblioteca Escolar: estrutura e funcionamento. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

CARDOSO, Giane Carrera & Pelozo, Rita de Cássia Borguetti. **A importância da leitura na formação do indivíduo**. Editora FAEF, Revista Científica Eletrônica de Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas de Garça. Ano V – Número 09 – Janeiro de 2007, Garça/SP.

CARLETI, Rosilene Callegari. **A leitura: um desafio atual na busca de uma educação globalizada**. ES, 2007.

OLIVEIRA, Cláudio Henrique. QUEIROZ, Cristina Maria de. **Leitura em sala de aula: a formação de leitores proficientes**. RN, 2009.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura, ensino e pesquisa**. Campinas, SP: Pontes, 2008.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como um processo discursivo**. 6ª Ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP. Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

POPPOVIC, Ana Maria; MORAES, Genny, **G. de Prontidão para alfabetização: Programa para o desenvolvimento de funções específicas**. São Paulo: Vetor, 1966.

WINNICOTT, Donald Woods. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

MALAGUZZI, Loris. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999. P.59-104.

SOUZA, M. S. D. de. **O interesse pela leitura poderá surgir.** A conquista do jovem leitor. Florianópolis: EDUFSC, 1986, p. 39-41

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente.** Martins Fontes: São Paulo, 1984.

PIAGET, Jean. **A formação de símbolo na Criança: Imitação, jogo, imagem e representação.** Tradução de Álvaro Cabral e Cristiane Oiticica. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

ANEXOS

